

por Sebastião Soares

Pelo segundo ano consecutivo, o “Primeiro de Maio Unitário” das centrais sindicais CSB, CTB, CUT, Força Sindical, Nova Central e UGT, em plataforma remota, ocupou espaço no cenário político nacional, demarcando as reivindicações urgentes das classes trabalhadoras brasileiras, no contexto da crise que assola o Brasil e o mundo. Uma crise de caráter estrutural do capitalismo, aprofundada desde os abalos financeiros de 2008 e agravada com a epidemia do coronavírus.

Se, em relação à crise da COVID-19, muitos países como a Alemanha, China, Vietnam e, agora, os Estados Unidos adotam medidas contrárias ao credo neoliberal imposto pela hegemonia do capital financeiro, em nosso País, o governo negacionista de Jair Bolsonaro faz justamente o contrário, aplica políticas fiscais ultraliberais, desorganiza e desmonta serviços públicos essenciais, privatiza empresas públicas estratégicas, reduz de maneira drástica o poder aquisitivo dos trabalhadores e trabalhadoras, aumenta o empobrecimento geral e joga no desespero da fome milhões de lares desassistidos.

Neste contexto, a tragédia do desemprego assola quase 15 milhões de brasileiros e brasileiras.

Frente à pandemia, além de negá-la, o governo amplia as suas consequências por falta de medidas concretas e objetivas para enfrentar a doença, inclusive deixando de prever recursos para combate ao flagelo, no fictício Orçamento da União para este ano. As verbas para a saúde e o SUS são reduzidas, enquanto parlamentares foram contemplados com generosas e volumosas somas de dinheiro público para gastar nas suas bases eleitorais, para isso suprimindo verbas da ciência ou para a compra de vacinas ou de insumos que pudessem servir a sua fabricação no país. Aliás, medida vetada pelo presidente. Até mesmo o Censo Demográfico, fundamental às políticas públicas, foi intencionalmente cancelado para esconder essa realidade e não afetar, ainda mais, os planos de reeleição do atual presidente.

O auxílio emergencial, essencial para socorrer as pessoas mais necessitadas, nesse momento de aguda crise social, depois de longa demora, foi liberado por um curto período, em valores irrisórios. Outras medidas, como o programa emergencial do emprego e da renda, previsto na Medida Provisória 1.045/21, representa, na verdade, retrocessos e prejuízos.

Frente à essa conjuntura perigosamente regressiva e perversamente injusta, as centrais sindicais assumiram o protagonismo e foram à luta. Buscaram diálogo, entendimento e apoio até mesmo do movimento sindical internacional. Fincaram pé na defesa do auxílio emergencial de 600 reais, na vacina para todos, do emprego e da democracia como questões prioritárias no plano das reivindicações imediatas.

O “ Primeiro de Maio Unificado”, ao qual se incorporaram, ainda, as centrais sindicais CGTB, Intersindical e Pública, foi a reafirmação da disposição de luta das classes trabalhadoras brasileiras, apontando o caminho: a unidade ampla das forças democráticas e progressistas para derrotar o inimigo principal, o governo Bolsonaro.

Por cima das diferenças particulares, as centrais sindicais se coesionaram pelo que as unem do ponto de vista da luta geral dos trabalhadores e trabalhadoras; mais além das singularidades de cada projeto, reafirmaram, na unidade, a certeza e a esperança de que é possível mudar.

Nas falas dos presidentes das centrais ecoaram uníssonos o entusiasmo e o compromisso com a unidade, como a principal vitória do evento, que mereceu amplo destaque na imprensa nacional.

Desde já, foram definidas ações unitárias imediatas, como reunião com o presidente do Senado Federal, para debater ações com vistas ao auxílio emergencial de R\$ 600,00, emprego e desenvolvimento produtivo; com senadores e deputados, para o enfrentamento dos projetos de privatizações; elaboração da Agenda Legislativa 2031 das Centrais Sindicais e outras atividades conforme os indicativos do evento de 1o. de maio.

Por tudo isso, e muito mais, o “Primeiro de Maio Unificado de 2021”, construído e realizado num ambiente de sofrimento e dor, se eleva na vida política e econômica da Nação como um poderoso grito de alerta: não dá mais pra segurar, e preciso mudar, unindo as forças vivas do povo brasileiro em uma plataforma de salvação nacional de defesa do regime democrático, da soberania nacional, do emprego e da renda, da saúde e da educação, de serviços públicos de qualidade conforme a necessidade da população.

## **Unidade das centrais sindicais apontou o caminho para a saída da crise brasileira**

Escrito por NCST

Seg, 03 de Maio de 2021 00:00

---

Unidade e plataforma capazes de afastar, de vez, o governo protofascista, criminoso, reacionário e atrasado de Jair Bolsonaro, Paulo Guedes e demais sequazes. Para isso, as centrais sindicais apontaram o rumo.

\* Sebastião Soares é Diretor de Formação Sindical e Qualificação Profissional da Nova Central, Diretor de Negociação Coletiva da CSPB e Diretor Geral do Observatório Sindical Brasileiro Clodesmidt Riani-OSBCR